

Os jesuítas na China: especificidades da missionação chinesa e contraponto com as atividades no Brasil

CARMEN LÍCIA PALAZZO*

Introdução

A presente comunicação trata de uma pesquisa em andamento sobre a missionação jesuítica na China, pesquisa esta que está sendo desenvolvida em dois eixos:

- o primeiro com enfoque no trabalho dos jesuítas na corte imperial entre os séculos XVI e XVIII, procurando entender alguns aspectos importantes de sua integração na sociedade chinesa, na medida em que muitos deles vincularam-se diretamente aos imperadores;

- o segundo comparando as atividades missionárias na China, um império que, naquele período, não estava sujeito a poderes coloniais, com o trabalho realizado no Brasil, no qual os jesuítas e a Coroa portuguesa agiam em um espaço colonizado comum.

Entre os séculos XVI e XVIII os jesuítas estiveram presentes no império chinês como parte de um programa muito mais amplo, o de um projeto missionário que tinha o mundo todo como palco de suas atividades. No caso da China, porém, é possível apontar dois desdobramentos aparentemente contraditórios: por um lado, os resultados da atividade missionária foram pouco significativos em relação ao tamanho da população, ainda mais quando comparados com as conversões em outras áreas geográficas, como o Brasil e a América Hispânica; por outro lado, a aceitação dos jesuítas por parte dos chineses como homens letrados, independente da missionação, foi muito grande.

* Doutora em História pela Universidade de Brasília (UnB). Pesquisadora convidada e Professora do Curso de Pós-Graduação Lato Sensu em História do Centro Universitário de Brasília (UniCeub) e Consultora do Projeto de Estudos Judaico-helenísticos (PEJ) da UnB.

Até os dias de hoje tem se mantido na China uma imagem dos inicianos como acadêmicos e cientistas. Suas atividades junto aos imperadores têm despertado atualmente grande interesse entre os chineses. É possível encontrar nas livrarias não apenas publicações acadêmicas mas também obras de divulgação para o grande público. No Museu de Xangai foi realizada, em 2010, uma exposição, em colaboração com o governo italiano, sobre a vida e a obra do missionário Matteo Ricci. A exposição, que contou com grande afluência de visitantes, seguiu também para outros museus do país.

Nas referências atuais ao papel dos jesuítas que estiveram no Império do Meio entre os séculos XVI e XVIII é evocado um rico relacionamento que eles mantiveram de forma durável com os imperadores e com o mandarinato confucionista. São sempre enfatizadas suas atividades como astrônomos, tradutores, pintores e arquitetos, sem que os chineses os assimilem aos estrangeiros que inúmeras vezes fizeram tentativas expansionistas com maior ou menor sucesso, no decorrer de vários séculos. A meu ver, estes são indicadores importantes da permanência dos jesuítas no imaginário chinês. Todos estes aspectos estão sendo levados em consideração no decorrer da pesquisa de modo a que seja possível detectar as especificidades da missionação na China, comparando-a, em especial, com o caso do Brasil. Cabe, desde o início, deixar claro que os jesuítas na China não estavam vinculados a nenhum projeto de conquista. Em nenhum momento, portanto, questionaram a autoridade política e a legitimidade do Imperador, o que sem dúvida tornava as aproximações com a elite chinesa mais fácil, embora não sem percalços de outros tipos.

1. O aprendizado em Macau

A Companhia de Jesus iniciou seu trabalho na China a partir de Macau, um entreposto luso desde o século XV. A cidade nasceu no lugar de uma antiga aldeia de pescadores e ali os portugueses pretendiam, inicialmente, estabelecer apenas uma escala bem localizada de apoio ao florescente comércio por via marítima com diversos portos da Ásia. No entanto já na segunda metade do século XVI ela vai se tornando um centro de comércio razoavelmente importante onde se estabelecem muitos mercadores que contam também com o apoio de chineses e de outros negociantes asiáticos, bem

como de funcionários da administração imperial do sul da China. A dinastia Ming, então reinante, não tinha uma diretriz única com relação ao estabelecimento de estrangeiros em algumas áreas do Império e, no que dizia respeito aos portugueses em Macau, o mandarinato estava dividido. (ALVES, 1999: 115-118).

Os jesuítas estabelecidos em Macau se constituíam na comunidade religiosa mais influente na cidade (ZHU, 2010:32) e eram “... em regra geral juízes de paz de Macau e elite letrada nos contatos com as autoridades oficiais da Ásia Oriental” (BARRETO, 2006: 137). Foi Macau que proporcionou aos inacianos o aprendizado da China. Ali a Companhia de Jesus estabeleceu uma base importante não apenas para a missionação na própria região mas também para, a partir dela, penetrar no território chinês, no coração do Império, chegando até Beijing.

Os primeiros contatos dos missionários com a língua chinesa ocorreram também no enclave luso macaense. Michele Ruggieri foi o primeiro inaciano a estudar de forma sistemática o idioma, entre os anos de 1580 a 1582. Os chineses convertidos na cidade, por sua vez, trabalharam em diversas traduções, entre elas um Catecismo que inicialmente circulou sob a forma de um manuscrito e depois como cópia xilografada (BARRETO, 2006: 315-317).

Se, por um lado, a missionação em Macau e arredores seguiu seu próprio ritmo e se desenvolveu em torno da Igreja Madre de Deus, junto ao Colégio de São Paulo, edificada entre 1575 e 1585, por outro lado os jesuítas não perdiam de vista o objetivo de seguir para o interior do Império, muito longe do assentamento luso. Não era uma tarefa simples, pois tratava-se de um Estado organizado, independente, cioso de suas hierarquias e, embora de religiosidades múltiplas, fortemente ancorado no confucionismo e no poder dos mandarins junto ao imperador.¹

Pode-se dizer que a posição dos jesuítas em Macau e suas atividades em funções importantes na cidade, deram visibilidade a qualidades que eram do agrado da elite intelectual chinesa, ou seja, dos mandarins confucionistas, com os quais eles viriam

¹ O taoísmo e o confucionismo são religiões, ou sistemas filosófico-religiosos, como querem alguns especialistas, autóctones da China mas a elas foi acrescentado o budismo vindo da Índia. O mandarinato era, porém, seguidor de Confúcio e os jesuítas, que se interessaram vivamente pelas idéias de Confúcio, tiveram pouca afinidade com o budismo e mesmo com o taoísmo, pelo qual não demonstravam grande consideração. (ARAÚJO, 2000:100)

a se relacionar de forma privilegiada. No ambiente cosmopolita macaense os jesuítas desenvolveram contatos importantes não só com a população local mas também com funcionários mais ou menos graduados que serviam à Corte Imperial, iniciando, assim, sua inserção na vida chinesa.“ Com sua presença na cidade, introduzia-se uma faceta da devoção religiosa, incensada por ritos e cultos imagéticos, nova e positiva dimensão dos ‘bárbaros’ de Macau até então completamente desconhecida dos chineses, que não deixava de agradar suas autoridades” (ALVES, 1999:75). Os inacianos tinham um papel determinante no desenvolvimento da cidade e em 1572 já fundavam a primeira escola, dedicada aos estudos primários, *primum litterarum scholam* (BARRETO, 2006: 137).

É possível constatar, então, que a história das missões jesuítas no enclave luso de Macau e a história da missionação no centro do Império chinês se entrecruzam em diversas oportunidades mas não se confundem. Na presente pesquisa, estudo a atividade jesuítica junto à Corte Imperial ainda que, em várias oportunidades, leve em consideração referências importantes a acontecimentos e personagens macaenses.

2. Os jesuítas-mandarins

A catequese foi o objetivo maior dos jesuítas na China, alcançada apenas em pequena escala, embora ainda hoje se mantenham ativas as paróquias que fundaram no país. Não há dúvida, porém, que a grande marca por eles deixada entre os chineses foi sua atividade acadêmica e artística. No decorrer desta pesquisa, várias questões têm surgido e estão orientando meu trabalho. Entre elas, destaco as seguintes:

Qual a trajetória que permitiu que os missionários não apenas se instalassem em Beijing com autorização do Imperador mas chegassem também a ocupar funções importantes, como a direção do Observatório Astronômico Imperial e a concepção e construção dos Jardins da Perfeita Claridade, também denominados atualmente Antigo Palácio de Verão?

Como os inacianos viam a China, comparativamente com seus companheiros que estavam em outras sociedades exercendo também o trabalho missionário? Este questionamento remete à possibilidade de explorar as diferenças de

olhares que foram lançados sobre o Império chinês e sobre o Brasil. O Oriente, com seus Estados organizados, com ênfase em uma rígida hierarquia e com estruturas de ensino relativamente desenvolvidas para a época, exercia grande fascínio sobre os europeus, mesmo não se tratando de países seguidores da fé cristã (PALAZZO, 2010: 185-186).

Em que medida o fato dos jesuítas exercerem suas funções em uma sociedade na qual estavam sujeitos a um poder central não cristão fazia com que seus comportamentos se diferenciassem dos que eram de praxe na América e em especial no Brasil?

As respostas a estas perguntas serão certamente complexas mas deverão passar pela análise do processo de aculturação vivenciado pelos inicianos na China. No que diz respeito à aculturação, Alessandro Valignano, responsável pelo acompanhamento dos missionários que se encontravam na Ásia, escreveu:

[...] é verdade que andam vestidos à maneira dos letrados chineses e que trazem as barbas crescidas e também os cabelos até as orelhas[...]

[...]entendemos que fazendo os Padres profissão de homens letrados teriam entrada mais honesta com todos e poderiam melhor e com mais autoridade publicar a nossa santa lei para os chineses [...] (VALIGNANO, S.J.,1999 [1598]: 88-89)².

Nesta passagem, como em muitas outras oportunidades, Alessandro Valignano defende os jesuítas que foram muito criticados por diversas ordens e mesmo dentro da própria Companhia devido não apenas ao fato de se vestirem como mandarins confucionistas mas também por permitirem práticas comuns às religiões asiáticas, como o culto aos antepassados³. A referida aculturação, no entanto, foi bem além do vestuário, da aparência externa e de pequenas questões de ordem prática para facilitar o trabalho de catequese. É inegável que os missionários foram atraídos não apenas pelo modo de vida mas também pelo pensamento chinês. Houve uma efetiva troca entre as

² As traduções de citações de obras em língua estrangeiras são minhas.

³ Tais práticas deram origem ao que ficou conhecido como a “querela dos ritos chineses” e que envolveu também outras questões de sincretismo e adaptação. Ver ZHANG, 2009: 144.

culturas européia e chinesa e os jesuítas, alguns imperadores e os mandarins se constituíram nos principais atores deste processo.

Foram realizadas inúmeras traduções do chinês para os idiomas europeus mas também de textos europeus para o chinês. De acordo com pesquisa realizada por R. Po-chia Hsia:

[...] livros de preces, obras devocionais, catecismos, imagens européias copiadas na China e obras teológicas serviram à população convertida que atingiu um pico de 200 mil pessoas em 17000, antes de adentrar um período de lento declínio. A existência de reimpressões e as múltiplas cópias dessas obras em grandes bibliotecas chinesas e européias dão testemunho de sua função e seu sucesso.

[...]

Fora das comunidades convertidas, os textos europeus causaram um impacto considerável nas décadas iniciais do século XVII, especialmente na reforma do calendário, na Astronomia, na Matemática e em outras ciências. Além disto, vários textos de Matteo Ricci sobre temas tanto greco-romanos como cristãos tiveram grande circulação entre os literatos das áreas urbanas, graças à sua reputação. (HSIA, 2008:58-59)

O conhecimento científico e artístico dos padres despertou um enorme interesse entre os intelectuais chineses e na corte de um modo geral. A China tem sido, através dos séculos, uma civilização na qual os elementos visuais se constituem em uma parte importante de sua identidade, como se pode observar, por exemplo, na caligrafia, na disposição desta própria caligrafia no papel, na pintura, nos desenhos dos jardins. Os diversos rituais, na China, também têm um componente visual importante.

Uma das considerações que já podem, então, ser destacadas nesta etapa da pesquisa é que o fato de que o papel da imagem, central na civilização chinesa, foi rapidamente percebido pelos jesuítas, cuja educação incluía, além das chamadas ciências exatas, um importante conhecimento das artes plásticas. Desenhar era, aliás, parte da educação renascentista européia e desenhar com atenção era essencial para o astrônomo, para o botânico. Foi portanto com o olhar treinado para este tipo de observação que os padres se aproximaram da civilização chinesa, o que se constituiu provavelmente em um dos fatores importantes para a sua aceitação.

Os inacianos, cuja atividade na China está, de uma forma ou de outra, documentada, são muitos. Dentro do escopo desta pesquisa, porém, fiz uma seleção que levou em conta vários fatores, entre eles a importância da atividade que realizaram na corte dos imperadores para os quais trabalharam e a relevância que alcançaram como agentes das trocas culturais entre a Europa e a Ásia. Escolhi, então, trabalhar de forma mais detalhada com Matteo Ricci, Alessandro Valignano, Gabriel de Magalhães, Giuseppe Castiglione e Denis Attiret, deixando porém aberta a possibilidade de acrescentar outras figuras relevantes para a análise à medida em que a pesquisa for avançando.

Embora Alessandro Valignano não tenha exercido diretamente atividades no interior do Império chinês, já que era o orientador e visitador dos jesuítas encarregados da missão no Oriente, delineou com muita clareza as estratégias a serem seguidas pelos padres, apoiando-os com grande entusiasmo. Desta forma, se constitui também em fonte essencial para a análise das atividades da Companhia de Jesus na China.

Gabriel de Magalhães escreveu no século XVII um importante relato sobre a China, no qual não poupou elogios:

Que reino existe, por mais universidades que possua, que tenha mais de dez mil licenciados como a China, dos quais seis a sete mil se reúnem todos os anos, em Pequim, onde depois de rigorosos exames, se admitem 365 ao grau de doutor? Creio que não existe nenhum estado que tenha tantos estudantes como há de bacharéis na China, onde existem 80.000 e que não há país algum onde o conhecimento das letras seja tão universal e comum, pois que, nas províncias meridionais, principalmente, não há quase nenhum homem, pobre ou rico e burguês ou aldeão, que não saiba ler e escrever.
(MAGALHÃES, S.J., 1997: 129-130)

É bastante provável que Magalhães exagere em suas considerações mas o que se destaca é sua admiração por uma sociedade que valoriza o ensino, tão caro aos jesuítas.

Certamente a aculturação dos inacianos na China se deu muito em função do pragmatismo necessário para que fosse alcançado o objetivo das conversões, mas

uma análise acurada tanto de seus relatos quanto das muitas atividades nas quais se envolveram deixa claro o quanto nutriram um real encantamento pelo Império chinês.

3. Fontes para a pesquisa

Dois tipos de fontes são especialmente relevantes para a pesquisa sobre as atividades dos jesuítas: as cartas e relatos escritos pelos inacianos e os documentos da cultura material ainda hoje presentes e acessíveis na China e com os quais tive contato durante uma estadia de sete meses naquele país. No que diz respeito aos escritos dos jesuítas, no caso chinês, são de fundamental importância aqueles cuja reflexão que os inspirava tinha como objetivo chegar aos próprios chineses, o que é o caso do tratado *Dell'Amicizia*, de Matteo Ricci, que fazia uma ponte entre o pensamento cristão e o confucionismo. (RICCI, 2005 [1595])

Com relação às fontes materiais, destacam-se: as pinturas e gravuras realizadas pelos padres; os instrumentos astronômicos pertencentes ao antigo Observatório Astronômico Imperial, atualmente preservados no local onde funcionava o próprio Observatório, tombado pelo governo chinês; os túmulos do Cemitério Jesuíta em Beijing onde estão enterrados 63 missionários de diversas nacionalidades, alguns dos quais com especial destaque, como é o caso de Matteo Ricci, Adam Schall von Bell, Ferdinand Verbiest e Gabriel de Magalhães; as significativas ruínas do antigo Palácio de Verão, nas quais se tem acesso não apenas à obra de Castiglione e de Denis Attiret, mas também a todo um cabedal de informações sobre a sua construção⁴.

No decorrer da pesquisa outros elementos documentais provavelmente surgirão e serão levados em conta.

⁴ Os documentos/monumentos relativos à cultura material foram por mim vistos em seus lugares de origem e fotografados para meu arquivo pessoal.

Considerações finais

Como esta comunicação está relatando uma pesquisa ainda em andamento, não há conclusões a serem apresentadas. Alguns pressupostos têm sido confirmados no decorrer do trabalho de análise, entre eles o do efetivo intercâmbio entre as culturas da Europa e da China ocorrido em função do longo e profícuo contato dos jesuítas com os chineses e da abertura recíproca dos olhares sobre o Outro, que muitas vezes era de real admiração. Não faltaram, porém, percalços nas atividades de missionação, entre eles vários episódios de violência, de prisões e de rejeição por parte de diversas autoridades locais. Na comparação com as atividades missionárias no Brasil, deverão surgir alguns padrões comuns de comportamento mas provavelmente muitas diferenças, várias delas relacionadas aos distintos contextos entre um Império milenar, hierarquicamente organizado, e uma Colônia recém implantada.

Referências bibliográficas⁵

- ALVES, Jorge Manuel dos Santos. **Um porto entre dois impérios: estudos sobre Macau e as relações luso-chinesas**. Macau: Instituto Português do Oriente, 1999.
- ARAÚJO, Horácio Peixoto de. “Processo de aculturação métodos missionários no império da China”. Comunicação in **A Companhia de Jesus e a Missionação no Oriente** (Actas do Colóquio Internacional promovido pela Fundação Oriente e Revista Brotéria, abril de 1997). Lisboa: Brotéria e Fundação Oriente, 2000, p. 83-101.
- ATTWATER, Rachel. **Adam Schall, a Jesuit at the Court of China**. Londres: Geoffrey Chapman, 1963.
- BARRETO, Luís Filipe. Macau: **Poder e Saber (Séculos XVI e XVII)**. Lisboa: Editorial Presença, 2006.
- BOOTHROYD, Ninette e DÉTRIE, Muriel. **Le Voyage en Chine: Anthologie des voyageurs occidentaux du Moyen Age à la chute de l’Empire Chinois**. Paris: Robert Laffont, 1992.
- BROC, Numa. Les explorateurs en robe noire. **L’Histoire** n.106, déc. 1987, p. 90-100.
- CATÁLOGO bilíngue mandarim-português: **Apresentação das pinturas imperiais da dinastia Qing realizadas por ou sob orientação de missionários ocidentais**. Macau: Museu de Arte de Macau, 2002.

⁵ Optei por inserir neste texto apenas a Bibliografia básica utilizada na redação da presente Comunicação e não todas as referências bibliográficas da pesquisa em curso.

- DUNNE, S.J., George H. **Generation of Giants: The Story of the Jesuits in China in the Last Decades of the Ming Dynasty**. Notre Dame: University of Notre Dame Press, 1962.
- GORDON, Stewart. **When Asia was the World**. Philadelphia: Da Capo Press, 2008.
- GRANET, Marcel. **O pensamento Chinês**. São Paulo: Contraponto, 2004.
- HSIA, R. Po-chia. A missão católica e as traduções na China, 1583-1700 in BURKE, Peter e HSIA, R. Po-chia. **A tradução cultural nos primórdios da Europa Moderna**. São Pulo: Editora Unesp, 2008.
- LABORINHO, Ana Paula, SEIXO, Maria Alzira e MEIRA, Maria José (org). **A vertigem do Oriente: modalidades discursivas no encontro de culturas**. Lisboa/Macau: Edições Cosmos e Instituto Português do Oriente, 1999.
- LACH, Donald F. E VAN KLEY, Edwin J. **Asia in the Making of Europe**, v. III. Chicago: The University of Chicago Press, 1993.
- MAGALHÃES S.J., Gabriel de. **Nova Relação da China**. Macau: Fundação Macau, 1997.
- PALAZZO, Carmen Lícia. **Entre mitos, utopias e razão: os olhares franceses sobre o Brasil (séculos XVI a XVIII)**. Porto Alegre, EdiPUCRS, 2010.
- RICCI, Matteo, S.J. **Dell'Amicizia** (a cura di Filippo Mignini). Macerata: Ed. Quodlibet Macerata, 2005 [1595].
- _____. **Il vero significato del "Signore del Cielo"**. Città del Vaticano: Urbaniana University Press, 2006.
- SALDANHA, António Vasconcelos de e ALVES, Jorge Manuel dos Santos (org.) **Estudos de História do relacionamento Luso-Chinês (séculos XVI-XIX)**. Macau: Instituto Português do Oriente, 1996.
- SHEN, Chen. Pékin: le Jardin du Palais d'été. **L'Histoire** n.57, juin 1983, p. 60-67.
- SPENCE, Jonathan D. **The Memory Palace of Matteo Ricci**. London: Penguin Books, 1985.
- UNG Vai Meng. **The Golden Exile: Survey of the Western Missionaries' painting school of the Qing Dynasty Court**. Macau: The Macao Museum of Art, 2002.
- VALIGNANO, Alessandro, S.J.. **Apología de la Compañía de Jesus de Japon y China**, org. de ALVAREZ-TALADRIZ. Osaka: Proemio, 1999 [1598].
- ZHU, Jing. **Missionary in Confucian Garb**. Beijing: China Intercontinental Press, 2010.
- ZHANG, Xiping. **Following the Steps of Matteo Ricci to China**. (Translated by Ding Deshu & Ye Jinping). Beijing: China Intercontinental Press, 2009.